

Entre em
contato com
a gente!



VOS



CORI-QI

Contribua
com a
VOS!



VOZ OPERÁRIA SOCIALISTA

Maio-Junho 2026 • Ano 2 • Número 3

Contra a guerra imperialista: Fora Trump!

Governo operário e socialista!

PÁGINA 4

5

Cessar-fogo
no Irã: uma
derrota para
o imperialismo

6 e 7

Especial sobre
a luta contra
a escala 6x1

9

Por que a
Voz tem que
ser Operária?

1º de Maio da Classe Trabalhadora: Lutar pelo Fim da Escala 6x1 e da Guerra Imperialista!

Redação VOS

Mais uma vez os trabalhadores estão chamados a ir à luta contra a exploração e a guerra imperialista. A crise capitalista se arrasta, corrói as condições de vida dos trabalhadores em todo mundo e mostra que só tem a oferecer mais barbárie para nossa classe.

No Brasil, nossa vida desce a ladeira por conta do endividamento, jornadas exaustivas os baixos salários. Enquanto isso assistimos a mais uma guerra imperialista que, felizmente, tem sido marcada por uma espetacular resistência do Irã.

Cessar-Fogo no Irã é uma derrota para o Imperialismo!

Diferente do que ocorreu na Venezuela, Trump tem enfrentado uma forte resistência do Irã, que usa seu controle sobre o estreito de Ormuz como trunfo.

Esse cenário causou uma intensa pressão de setores da burguesia diante da disparada do preço do barril de petróleo. Junto disso, a crescente insatisfação interna, expressos nas manifestações do “no Kings Day” que levaram 8 milhões às ruas, obrigaram Trump a recuar, pelo menos por enquanto.



Nós opinamos que não é possível ter nenhum apreço pelo regime reacionário dos aiatolás no Irã.

Mas é verdade também que o objetivo desta guerra não é “libertar o povo” iraniano. Os EUA querem mesmo é aumentar o domínio sobre a região, o Irã e seu povo. O imperialismo é o principal inimigo da nossa classe em todo o mundo.

Diante disso, uma derrota das tropas dos EUA e Israel poderia fragilizar a capacidade de dominação do imperialismo norte-americano. Por isso seria uma vitória não só do Irã, mas de toda a classe trabalhadora e dos povos do mundo.

Basta de confiança no Governo e Congresso por parte das grandes centrais! Conquistar o fim da escala 6x1 é nas ruas!

No Brasil, a possibilidade da redução da jornada mobiliza os patrões. Nas últimas semanas, o lobby empresarial inundou o Congresso para jogar água no chopp do trabalhador. Seus sindicatos entram em campo e se articulam para barrar qualquer mudança.

Enquanto isso as Centrais Sindicais seguem em compasso de espera, fazendo “manifestações” pra inglês ver.

Já o governo Lula, um ano e meio atrás, tinha rechaçado a ideia de acabar com a 6x1. Entretanto, sentindo a pressão pela mudança e a proximidade das eleições, se realocizou e também mandou um PL para o Congresso. Mas com uma proposta que é rebaixada em relação às que já tramitam.

A experiência nos mostrou que não dá pra confiar neste governo, ele sempre cede pros patrões. Basta lembrar que até pouco tempo atrás estavam entregando o direito dos trabalhadores de app via PL 152 e não ousou rever a reforma trabalhista e da previdência. Mas quando foi pra privatizar os rios da Amazônia, rapidinho assinou decreto.

A verdade é que a redução da jornada está em risco se deixarmos essa pauta nas mãos do congresso e governo e não ocuparmos as ruas. Precisamos exigir das grandes centrais uma campanha nacional, sob risco de não transformar em vitória o apoio de 71% da população ao fim da escala 6x1.

CAÇA-PALAVRAS

Ao longo desta edição você vai ver uma palavra sublinhada em Cada página. Encontre-as no texto e aqui também!

A	C	O	R	T	D	D	F	E	V	U	U	U	R	A
A	O	R	E	S	C	R	A	V	I	D	Ã	O	P	U
R	N	D	E	R	O	N	C	E	E	P	T	O	R	G
A	V	G	U	E	R	R	A	S	O	S	U	G	I	T
D	I	B	I	S	G	O	S	M	P	T	S	I	N	I
R	V	Z	U	I	A	L	P	M	E	O	O	T	C	S
O	Ê	R	T	E	N	V	B	F	R	D	C	S	I	S
A	N	G	S	A	I	N	E	S	A	I	I	B	P	F
D	C	R	O	I	Z	D	O	G	R	T	A	S	I	V
P	I	R	O	D	A	U	G	D	I	S	L	E	S	E
N	A	T	P	F	D	F	E	P	A	Z	I	A	T	I
G	R	E	V	E	O	E	U	I	D	B	S	G	A	T
B	R	L	E	S	A	R	O	M	O	O	M	R	U	P
S	G	C	O	M	U	N	I	S	T	A	O	O	A	R
R	E	V	O	L	U	C	I	O	N	Ã	R	I	O	T

Trabalhadores Endividados Governo Lula: Reprovado!

por João "Portuga"

Em abril, o Datafolha divulgou pesquisa indicando que o governo Lula/PT mantém, desde março, uma desaprovação de 40%.

Apenas 29% o veriam como "bom ou ótimo". No mesmo período, a Quaest[1] divulgou um cenário de maior rejeição, em 52%, com aprovação em 43%.

Às vésperas das eleições veremos muitas pesquisas dessas. Porém devemos lembrar que agências de pesquisa pertencem ao grande empresariado (a própria Quaest é ligada a um grupo de investidores, a Genial). Os dados disponibilizados servem muito às negociatas eleitorais. É preciso conferir se a realidade os ratifica.

Pressão dos "de cima"

O primeiro elemento da reprovação reside no acionamento da máquina eleitoral, tanto pelas articulações das pré-candidaturas à presidência quanto pelos setores capitalistas que desgastam o governo para barganhar vantagens junto ao governo do PT.

Destacamos o caso da montadora chinesa BYD. Para se instalar na Bahia recebeu incentivos fiscais dos governos estadual e federal, ambos do PT, como a isenção de 95% do ICMS até 2035.

A mesma montadora é denunciada por uso de trabalho análogo à escravidão. Lá foram resgatados, nestas condições, cerca de 163 trabalhadores chineses no final de 2024[2]. O ministro Luiz Marinho demitiu o secretário que colocou a empresa na "lista suja" do trabalho escravo.

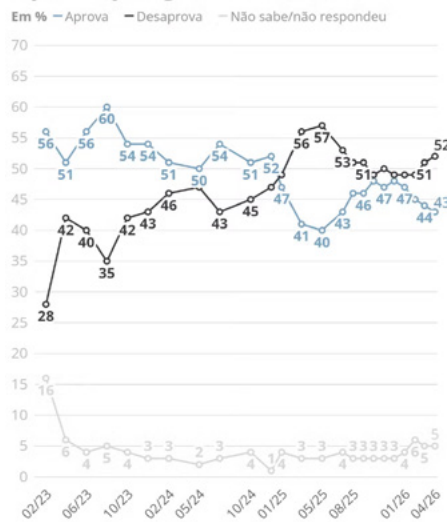
Trabalhadores sendo castigados pelo endividamento e pela precarização do trabalho

Porém, o elemento essencial do desgaste do governo não reside no tensionamento "dos de cima". Ele ganha materialidade nos dados da Quaest[3]: 72% dos brasileiros afirmam ter "poucas ou muitas dívidas" e 50% considera que houve piora na economia, enquanto 27% afirma que ficou do mesmo jeito.

Este tema do endividamento tende a ser pauta das eleições deste ano. Os trabalhadores não sentiram os efeitos da isenção do IR para rendimentos de até 5 mil reais. Porém arcam com o aumento dos alimentos, combustíveis etc. Nossa classe tem sentido na pele que cada vez trabalhamos mais e recebemos menos.

Em 2023, o governo implantou um programa de renegociação de dívidas, o "Desenrola Brasil"[4]. Houve uma queda inicial no endividamento, mas retomou o crescimento um ano depois.

Aprovação governo Lula



Pesquisa realizada entre 9 e 13 de abril. A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos

g1 Fonte: Genial/Quaest Infográfico elaborado em: 15/04/2026

Agora há a promessa da segunda fase do programa, o "Desenrola 2.0", que vai permitir uso do FGTS para quitação das dívidas. Mais um mecanismo de transferência de renda dos trabalhadores para financiar os juros abusivos dos grandes bancos.

Lula e PT: garantias à burguesia e ilusões aos trabalhadores

PT, PSOL, PSB e tantas figuras ditas "progressistas" fizeram uma forte propaganda de que bastava apenas votar em Lula para que os trabalhadores do Brasil tivessem direito à sua "picanha" e prosperariam longe da obscuridade da extrema direita.

No entanto, o modo de funcionar do Governo Lula mantém-se o mesmo neste terceiro mandato: sinaliza ilusões aos trabalhadores, mas realiza os desejos do grande empresariado.

Diz que quer o fim da escala 6x1 e garantir os direitos dos trabalhadores de aplicativo. Porém mantém-se na inércia para preservar a sua relação com os empresários que insistem em precarizar as condições de vida e de trabalho.

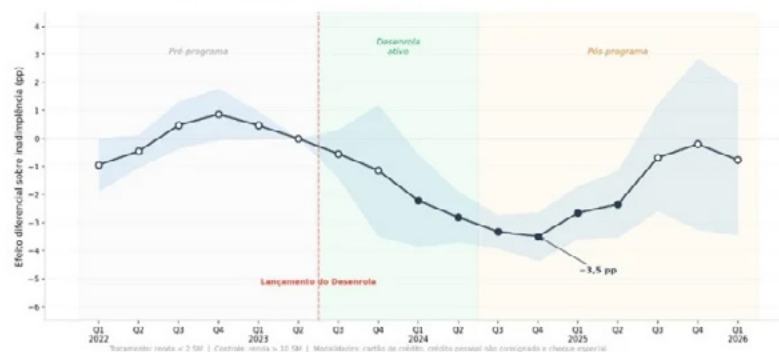
[1] <https://g1.globo.com/politica/noticia/2026/04/15/quaest-desaprovam-aprovam-o-governo-lula.ghtml>

[2] <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2024/12/23/trabalhadores-sao-resgatados-de-situacao-analoga-a-escravidao-em-obra-de-construcao-de-montadora-de-carros-na-bahia.ghtml>

[3] <https://g1.globo.com/economia/noticia/2026/04/15/quaest-dívidas-abril.ghtml>

[4] <https://istoedinheiro.com.br/brasileiros-endividados-desenrola>

Gráfico 3. Impacto do programa Desenrola sobre a inadimplência de pessoa física



Fortalecer um Campo de Classe nas Eleições de 2026

por Camilo Martim

Neste momento, as eleições ocupam o centro da vida política nacional. Pesquisas indicam disputa acirrada entre Lula (PT) e Flávio Bolsonaro (PL) e grande rejeição a ambos.

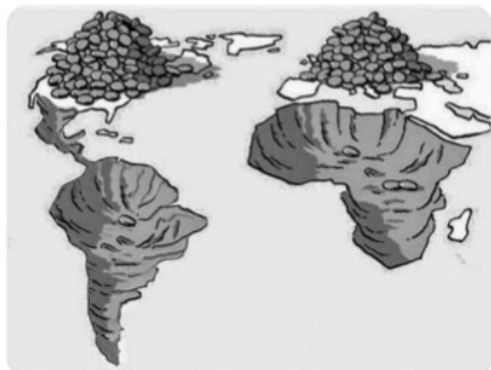
Na última pesquisa Quaest, 52% reprovavam o governo Lula, reflexo dos baixos salários, empregos precários e endividamento recorde. A alta rejeição a Flávio é legado do governo de seu pai — que registrava, em março de 2022, 61% de desaprovação.

O país desce a ladeira e os trabalhadores “pagam o pato”

Os dados apontam para o “voto castigo”: mais mobilização para votar contra do que engajamento em torno de qualquer projeto.

O sentimento geral é que muda o governo, mas a vida dos trabalhadores não melhora. Cerca de 70% da população recebe até dois salários mínimos e o endividamento das famílias atingiu 80,4%, um recorde.

Esse mal estar geral reflete a decadência do país, no qual a indústria perdeu o papel central para o agronegócio. O país vem passando por uma desindustrialização relativa e tem se tornado uma economia cada vez mais dependente.



Essa situação reflete o projeto que o imperialismo impõe ao Brasil e que não foi questionado por nenhum dos governos da Nova República, desde 1988.

Longe de ser um acaso, este projeto de Brasil dependente garante lucros à burguesia vinculada ao capital estrangeiro. A herança é um país empobrecido, onde se aprofunda a destruição das riquezas naturais e a superexploração de nosso povo.

Nem Lula, nem Flávio Bolsonaro romperão com a subordinação do país

Existem diferenças entre os dois projetos — são candidaturas burguesas distintas —, mas nenhuma apresenta alternativa real para resolver os problemas da classe trabalhadora. A experiência demonstrou que a política de ambos os setores é manter a subordinação ao imperialismo. Com eles a nossa vida não muda.

Lula preservou a política econômica neoliberal com o Arca-bouço Fiscal, não reverteu as reformas trabalhista e previdenciária e ainda seguiu avançando com as privatizações.

Apesar do discurso em defesa da soberania, em nenhum momento teve nenhuma medida concreta contra o saque de nossos recursos. Foi mantida a entrega de nossas riquezas, inclusive, ao que tudo indica, no caso dos minerais críticos.

A “humanização do capitalismo” prometida pela coalizão governista — que vai do PSOL ao centrão — acabou entregando continuação da barbárie.

Flávio Bolsonaro, por sua vez, deixou claras suas intenções na CPAC (Conferência de Ação Política Conservadora) de março.

Sem nenhum pudor, colocou o Brasil à venda, defendeu a entrega de minerais críticos aos EUA, e apela à intervenção de Trump nas eleições. Sua candidatura é a continuidade do governo de seu pai, entreguista e autoritário, com um projeto de mais submissão.

Por uma voz operária socialista nestas eleições!

Não acreditamos que as eleições irão resolver os problemas da maioria. Isso é assim porque esta é uma falsa democracia, controlada pelos ricos.

Apesar disso, o debate eleitoral segue tendo grande audiência entre os trabalhadores e, por isso, precisamos apresentar uma alternativa para nossa classe.

Nas jornadas de junho de 2013 ficou evidente a fragilidade da esquerda classista. Isso refletiu, entre outras coisas, o afastamento da construção do programa socialista (ou no mínimo classista) nos centros industriais e periferias.

Nesta eleição apresentaremos uma alternativa política que defenda o socialismo para reorganizar a economia a serviço dos trabalhadores e a necessidade de uma revolução para conquistar o poder.

Nossa campanha terá como centro as fábricas e periferias, firmando raízes sólidas que fortaleçam um campo dos trabalhadores contra todas as alternativas dos patrões.

Estátua homenageando Karl Liebknecht: revolucionário alemão, parlamentar exemplar, apoiava os operários e denunciava o capitalismo



Cessar-Fogo no Irã: uma Derrota para o Imperialismo

Corrente Operária Revolucionária Internacional (CORI-QI)

O recente cessar-fogo na guerra entre Estados Unidos, Israel e Irã expressa, nos fatos, uma derrota do imperialismo estadunidense e do sionismo, e um triunfo militar do Irã.

A ofensiva iniciada em 28 de fevereiro de 2026 tinha como objetivo destruir a capacidade militar do Irã, impôr uma mudança de regime e reafirmar a hegemonia imperialista no Oriente Médio.

No entanto, apesar de sua superioridade militar, Estados Unidos e Israel não alcançaram nenhum desses objetivos estratégicos.

O Irã resistiu, manteve a estrutura estatal e conservou capacidade de resposta, obrigando o imperialismo a recuar para negociar.

Uma guerra imperialista

A guerra não pode ser entendida como conflito “defensivo”. Trata-se de uma guerra imperialista no marco da longa crise econômica do capitalismo mundial. Os EUA buscam reafirmar sua hegemonia numa região chave para o suprimento global de energia.

O Irã não representa uma alternativa progressista. É um Estado burguês, teocrático e profundamente reacionário. Reprime a classe trabalhadora, as nacionalidades oprimidas e com especial crueldade as mulheres e a população LGBTI.

Porém, sua posição de país enfrentado ao imperialismo lhe outorga uma posição contraditória. Desde o ponto de vista marxista, não apoiamos politicamente o regime iraniano, mas defendemos seu direito de resistir à agressão imperialista.



Da ofensiva relâmpago ao atolamento

A guerra começou com uma ofensiva direta buscando um golpe rápido. Esse cálculo não se cumpriu.

O Irã conseguiu sustentar sua estrutura estatal e manter capacidade de resposta significativa. O conflito entrou numa fase de desgaste onde nenhum dos lados podia impor uma saída rápida.



O New York Times revelou que Netanyahu apresentou a Trump quatro argumentos para atacar o Irã que se mostraram todos incorretos. A própria inteligência norte-americana contradisse essa avaliação — o diretor da CIA a qualificou de “farsesca”.

As consequências para a classe trabalhadora

No Irã, a destruição de infraestrutura provocou fechamento de fábricas, demissões massivas e queda da atividade econômica.

Nos EUA, o aumento dos preços da energia e da inflação reduz o poder aquisitivo dos salários.

Esta guerra confirma uma tendência geral: os conflitos entre Estados (burgueses) não beneficiam as massas. Apenas intensificam a exploração e o empobrecimento.

Um acordo frágil

O cessar-fogo não pode ser entendido como o início de uma etapa de estabilidade, senão como uma pausa dentro de uma crise mais profunda. As condições que deram origem à guerra não só persistem como tendem a se agravar.

Celebramos o triunfo do Irã frente ao imperialismo. Porém, esta posição não implica nenhuma ilusão no regime iraniano. A tarefa estratégica é a construção de uma alternativa independente da classe trabalhadora que enfrente tanto o imperialismo como o regime teocrático.

A experiência desta guerra confirma que o imperialismo não é invencível, mas também que nenhum regime burguês pode oferecer uma saída para a crise.

Leia nossa análise na íntegra ->



Fim da Escala 6x1: Construir nas Ruas a Vitória!

por América Riveros

O debate sobre o fim da escala 6x1 ganha cada vez mais espaço entre a população brasileira. Pesquisa do Datafolha de março/2026 mostra que 71% da população apoia a redução da jornada de trabalho

Não é difícil entender: a classe trabalhadora sente o peso de uma jornada exaustiva, que compromete sua saúde física e mental.

Os trabalhadores estão cansados de garantir o lucro dos patrões enquanto amargam péssimas condições de vida.

Os patrões ampliam campanha pra defender seus interesses

Os setores patronais, como a Confederação Nacional da Indústria e a Confederação Nacional do Comércio, fazem campanha de terror, afirmando que a redução da jornada aumentará custos e impactará a geração de empregos.

O que não dizem é que não estão dispostos a diminuir seus lucros. Nesse sentido, parlamentares como Nikolas Ferreira (PL) defendem que o governo pague os custos da mudança, garantindo assim o lucro dos empregadores com dinheiro público.

Nenhuma confiança no governo Lula para garantir direitos

Em 14 de abril Lula enviou ao Congresso um Projeto de Lei (PL), propondo o fim da escala 6x1 e a redução da jornada para 40 horas semanais sem redução de salário.

Vale lembrar que projetos sobre o tema tramitam há muitos anos e só agora ganham atenção, pela pressão popular e a proximidade das eleições.

Isso revela como os interesses dos trabalhadores só são pautados excepcionalmente, quando servem a pressões eleitoreiras.

Além disso, o envio do projeto não garante sua aprovação nem que ele não sofrerá alterações. Inclusive, o PL de Lula é mais rebaixado do que outros que já estão tramitando na câmara dos deputados.

Enquanto eles propõem a redução da jornada para 36h semanais, Lula está propondo para 40h, por exemplo.

Para garantir o avanço destas pautas, não basta pressionar os

deputados, como dizem representantes do PT, PSOL e outros. Muito menos podemos confiar que o governo lutará com unhas e dentes pela aprovação da medida.

Aliás, diante da experiência com mais de 4 governos do PT, só podemos esperar negociatas e regras de transição que beneficiem os de cima e atrasem os benefícios para os de baixo.

Centrais sindicais tem rabo preso com o governo

Embora CUT, Força Sindical e CTB apoiem formalmente a pauta, o que se vê é paralisia na organização da luta. As mobilizações reúnem apenas dirigentes sindicais e não expressam o apoio dos 71% da população.

Isso ocorre porque as centrais têm abandonado faz tempo a tradição de luta e sua independência, restringindo suas atividade às vias jurídicas e institucionais.

Os trabalhadores devem exigir que os sindicatos cumpram seu papel: organizar uma campanha nacional nos locais de trabalho, enfrentando patrões e governos com independência. Nenhum direito foi conquistado sem luta — tudo que temos é fruto da organização que impõe derrotas à burguesia.

Organizar a luta

A classe trabalhadora brasileira precisa sair da defensiva. O fim da escala 6x1 e a redução imediata da jornada sem reduzir salário serão uma grande vitória, mas para isso é preciso estar organizado.

Em cada local de trabalho, devemos discutir como lutar, pressionar os sindicatos e participar das manifestações. Precisamos de uma Campanha Nacional pelo fim da 6x1 e redução da jornada, que leve às ruas a simpatia da maioria da população.

Somos nós, trabalhadoras e trabalhadores, quem geramos toda riqueza. A redução da jornada sem redução salarial é um passo importante para minimizar nossa exploração e aliviar a pressão sobre a nossa qualidade de vida.

Mas a solução real dos problemas da classe trabalhadora só será possível quando não existir mais exploração e os trabalhadores estiverem à frente do poder.



Precisamos Trabalhar Tanto?

Avanços Tecnológicos e Jornada de Trabalho

por Frodo

A nossa vida é organizada em função do trabalho, ou seja, de garantir o lucro do patrão em troca de um salário que mal chega no fim do mês. Trabalhamos demais e, a cada dia que passa, sobra mais e mais adoecimento, físico e mental.

A grande questão dos debates sobre jornada de trabalho é: isso é natural? Será mesmo que é necessário dedicar tantas horas da nossa vida ao trabalho? Não seria possível organizar as coisas de outra maneira?

É possível ser diferente?

A sociedade atual, considerada como um todo, não vive em escassez. O que há é o oposto: a produtividade do trabalho hoje dá conta de produzir para o conjunto da população mundial.

Um exemplo é o dos alimentos: hoje se produz o suficiente para as necessidades de 10 bilhões de pessoas. Mas num mundo de 8 bilhões de pessoas, quase 1 bilhão passa fome todos os anos.

Idem sobre a jornada. Há uma quantidade de horas de trabalho para dar conta da produção mundial. Por que não alocamos as pessoas sem trabalho em alguma atividade e redistribuímos as horas de trabalho necessárias para dar conta dessa produção?

Robôs poderiam ser mais utilizados para executar atividades que são danosas para o ser humano, realocando as pessoas para outras tarefas. Idem com as IA. Mas não é o que acontece.

Por que não fazem assim?

Quando uma fábrica automatiza, ela reduz a quantidade de trabalhadores ali e demite essas pessoas que não lhe servem mais. Quando se implementa de maneira ampla a IA ocorre o mesmo.

Os patrões pensam nas novas tecnologias como meios para bater rapidamente os custos e poder aumentar os lucros, independente das consequências para o sustento de quem é demitido.

Essas tecnologias, por si só, não são boas ou ruins. A questão é na mão de quem estão, a serviço de quem.

Vai ser sempre assim?

Numa sociedade baseada na propriedade privada dos meios de produção, os proprietários mandam, são eles que detêm o poder.

E no capitalismo o interesse máximo, o sangue que corre nas veias deste sistema, é o lucro. Essa é a necessidade de sobrevivência dos patrões e é o que eles têm a nos oferecer.

Por isso nós da VOS somos parte da luta contra a escala 6x1. Não podemos aceitar que as nossas necessidades sejam jogadas na lata do lixo. E nem que sejam usadas como populismo eleitoral, pois serão descumpridas logo adiante.

Essas duas vertentes estão vindo com tudo no cenário nacional, através do governo Lula e da sua oposição de direita.

Precisamos também lutar por um aumento geral nos salários. Eles estão muito baixos, obrigando muita gente a ter outro trabalho para complementar a renda.

Se seguir assim, o tempo livre que conquistarmos vai acabar sendo usado por amplos setores da nossa classe trabalhadora para arrumar outro trabalho, e não para si.

Uma vitória aqui já seria o suficiente?

Mas a luta não pode se limitar a essas demandas. O que nós trabalhadores realmente precisamos é de um mundo onde todas as pessoas trabalhem e tenham acesso aos frutos desse trabalho.

Uma sociedade que faça produtos para atender às necessidades humanas, não ao tal do “mercado”.

Nossa meta deve ser uma sociedade onde cada ser humano trabalhe de acordo com as suas possibilidades e receba de volta da sociedade de acordo com as suas necessidades.

Esta é a definição que deu Karl Marx sobre o que é uma sociedade comunista. Nada a ver com China, Cuba, Venezuela...

A tarefa não é simples e não é rápida. Mas é necessária, é de vida ou morte para nós, classe trabalhadora. Aliás, até mesmo para a humanidade. É a tarefa à qual nós da VOS e da CORI-QI nos dedicamos e gostaríamos que você viesse lutar junto!



Leia o artigo completo no site ->



O Dia Seguinte ao 13 de Maio

por Xande

As contradições causadas por uma abolição inacabada saltam aos olhos diariamente quando andamos pelas cidades brasileiras.

Exploração, violência, informalidade e guetos sociais ainda são a realidade 138 anos após a assinatura da Lei Áurea pela princesa Isabel, em 1888.



Lembrar do passado para entender o presente

Para entender essa dinâmica vamos voltar no tempo. A burguesia brasileira preparou as bases de dominação econômica enquanto o medo branco diante de levantes internacionais era nítido.

Exemplos naquele período foram a Revolução Haitiana (1791–1804) e a ebulição social expressa na Revolta dos Malês na Bahia (1835), que reivindicava o fim da escravidão e a derrubada do governo local, mantinha os opressores em alerta constante.



Revolução Haitiana, 1791



Revolta dos Malês, 1835

Esse cenário resultou na criação de leis que, mais adiante, seriam fundamentais para consolidar uma estrutura de dominação e opressão. A Lei de Terras de 1850 é um exemplo disso, pois criou impedimentos para que a população negra tivesse acesso à terra e pudesse recomeçar.

Reflexos violentos

Na atualidade, os massacres no campo e na cidade colocam para a população negra a tarefa de construir um programa e uma es-

tratégia que derrubem, sem hesitação, as bases que mantêm os escravocratas de ontem e os capitalistas de hoje determinando o nosso destino.

Criar uma direção que se levante contra todo modo de opressão à população negra é urgente. Especialmente diante dos assassinatos praticados pelas forças policiais nas periferias, que ceifam diariamente a vida da juventude negra.

Defender e atacar

O capitalismo precisa semear o que plantou. É necessário um enfrentamento sem tréguas, pois o mundo que emerge na atualidade, com a classe operária e os trabalhadores de aplicativos — majoritariamente negros — é consequência de uma política racista e excludente.

O chamado é à tomada de consciência e ao despertar contra o sistema e a exploração econômica, cultural e política, como forma de reverenciar aqueles que, no passado, foram escravizados, humilhados e subjugados.

Parafraçando o grupo de RAP DMN, na música Mova-se: “Não renasce mais a esperança, são muitas portas fechadas, somente uma aberta dizendo quem vai e quem fica, eu não estou na lista”.



A população negra é mais um elo da corrente na luta pra derrubar esse sistema opressor. Nossa tarefa é construir um programa de ruptura total com o capitalismo e seus mecanismos.

Governos de plantão, como o PT hoje, vendem a ilusão de que a burguesia exploradora pode ser nossa aliada. Mas, na prática, beneficiam essa classe em um mar de privilégios, enquanto oferecem migalhas aos trabalhadores precarizados e explorados.

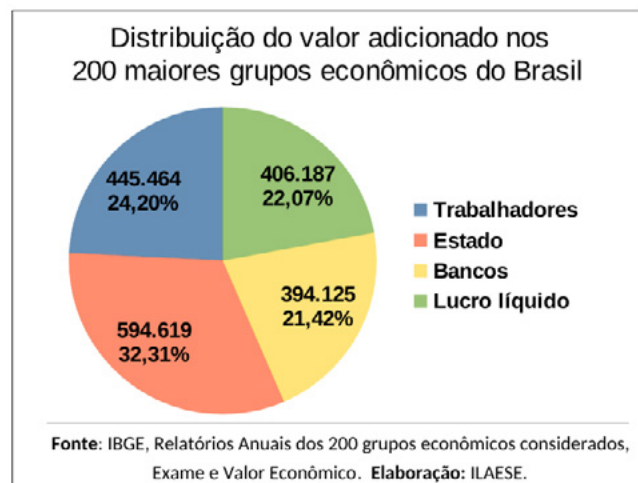
Convocamos toda a juventude negra trabalhadora a construir um programa revolucionário e socialista, que nos torne livres para decidir nossos destinos. Venha construir a Voz Operária Socialista!



Por Que a Voz Tem Que Ser Operária?

por Frodo

Toda a classe trabalhadora, que é quem sobrevive da venda da sua força de trabalho, é essencial para o capitalismo. Somos quem faz a sociedade funcionar, que faz a economia girar. É daí que os patrões tiram sua sobrevivência: dos lucros extraídos do trabalho alheio.



O operariado e seu papel social

Mas então o que significa ser operário? O operariado é a parte da classe trabalhadora que trabalha na indústria. É na indústria que se gera todas as riquezas existentes na sociedade, é onde se transforma as matérias primas em produtos, gerando novo valor.

A diferença entre o valor produzido coletivamente pelos operários e o que recebem como salário é o lucro. Essa diferença, conhecida como mais-valia, vai ser distribuída entre todos os setores da burguesia através da circulação das mercadorias.

Ou seja: é o trabalho coletivo do operariado que gera novo valor ao produzir mercadorias. Bem como é o trabalho do restante da classe trabalhadora que garante a circulação delas.

Toda a nossa classe é necessária para o capitalismo, eles não sobrevivem sem nós. Mas toda a riqueza é produzida na indústria, por isso é o coração do capital.

Proletários e operários invisíveis

Essa relação é a base do funcionamento da sociedade burguesa: a produção de riquezas é feita de maneira coletiva, é social, mas a apropriação delas é privada.

É daí que vem toda a desigualdade social. É o que explica por que nós trabalhamos tanto, a vida toda, e ficamos sempre com a sensação de que não saímos do lugar. Enquanto isso os bilionários ficam cada vez mais ricos. O abismo social só aumenta.

No entanto, perceber esse funcionamento não é tão fácil quanto parece. No capitalismo nós nos relacionamos com as mercadorias, não com as pessoas que as produzem.

Ao pegar um produto no mercado, a primeira coisa que vem à mente não é a produção dele, e sim as características que estamos buscando para decidir se o compramos ou não.

Esse fenômeno é parte do que chamamos de alienação: no capitalismo nós nos relacionamos com coisas (mercadorias) como se fossem seres humanos. Ao mesmo tempo acabamos nos relacionando entre nós seres humanos como se fôssemos coisas.

É a partir dessa enganação que começa a dominação deles. As ideias que impõem ao conjunto da sociedade nos dividem enquanto classe trabalhadora e tornam invisível o nosso papel na sociedade.

É como a pessoa que vê a comida mas não se toca da existência da agricultura e da pecuária.

Voz Operária Socialista!

Sendo assim, controlar a produção significa ter as condições objetivas, concretas, para o controle da sociedade. A burguesia é quem controla hoje, por isso ela direciona tudo para si, nos deixando apenas com o mínimo para sobrevivermos.

Se formos nós quem manda na sociedade, organizados, coletivamente, aí sim poderemos colocar toda essa riqueza a serviço de atender as nossas necessidades.

Por isso a voz deve ser operária: para cortar o mal pela raiz é preciso tomar o centro da sociedade. É preciso atingir o coração, que é a produção, e tomá-la para nós. Afinal, somos nós operárias e operários que produzimos tudo!



Greve na mineração (Bolívia)

União da classe trabalhadora, com o operariado à frente controlando a produção de tudo que existe: esse é o caminho para a destruição deste sistema de exploração e opressão que é o capitalismo.

Greve na Boeing (EUA)



Precisamos acabar com o Estado burguês em cada país e construir Estados Operários, controlados coletivamente por nós, para conduzirmos todo o mundo ao socialismo.

Mas por que a voz deve ser também socialista? Este será o tema do próximo artigo.

Conheça mais dessa nossa visão ->



A Última Batalha de Américo Gomes

Sua Luta pela Unidade da LIT-CI — A Um Ano de sua Morte



Américo nas manifestações de 2019 no Chile

por Freitas, Ellen, Javier, Leo, Luciana, Ricardo

Em 19 de março de 2025, Américo Gomes sofreu um ataque cardíaco fulminante na rodoviária de São Paulo. Sua trajetória política abarcou décadas de militância no movimento operário, desde os metalúrgicos até o setor petrolífero.

Também se dedicou à construção do partido revolucionário em distintos estados do Brasil e uma atividade internacional que o tornou referência além das fronteiras brasileiras.

Sua morte nos alcançou em meio à crise mais grave que atravessava a Liga Internacional dos Trabalhadores — Quarta Internacional (LIT-CI) desde sua reconstrução posterior à explosão dos anos 90.

Em maio de 2024, Américo escreveu junto a outros camaradas o texto “A LIT novamente à beira da explosão”, um diagnóstico rigoroso das causas da crise e das medidas para evitar o que finalmente ocorreu.

Ao completar-se um ano de sua morte, os camaradas que escrevemos este texto e hoje somos parte da CORI-CI queremos tornar público esse último combate político.

O diagnóstico

Américo sustentava que a LIT enfrentava “um perigo real de ruptura e até de uma ‘explosão’, isto é, de desagregação política”.

Quinze meses depois, em setembro de 2025, a maioria expulsou delegados democraticamente eleitos no XVI Congresso Mundial, consumando a ruptura que ele havia antecipado.

Sua crítica à maioria era contundente: “a maior responsabilidade recai sobre a maioria da direção, porque é quem conduz o conjunto

da Internacional”. E essa maioria “não respondeu politicamente aos questionamentos, mas de forma burocrática”.

Porém, Américo não era crítico de um só lado. Reprovava na oposição encabeçada por Martín Hernández o recurso sistemático a “exageros polêmicos, etiquetas prontas e caricaturas das posições contrárias”.

Rejeitava especialmente a caracterização da maioria como “estalinista”, porque “não ajuda a esclarecer as diferenças, mas substitui o debate político por rótulos que empurram subjetivamente à ruptura”.

A posição principista

O mais característico de sua batalha era a recusa a alinhar-se com qualquer dos dois blocos. Não estava com a maioria nem com a oposição; estava contra o fracionalismo como método e a favor da unidade como política consciente.

Propunha medidas concretas: criar uma comissão imparcial para investigar denúncias, deter as acusações políticas de ambas as partes, frear as sanções de caráter fracional. Nenhuma foi adotada.

A continuidade

Américo morreu seis meses antes de a ruptura se materializar. A TOUPI — agrupamento ao qual contribuiu a dar forma política — foi o único setor que lutou coerentemente por evitar as expulsões, mas fomos derrotados.

Nasceu assim a CORI-QI, com presença na Argentina, Bélgica, Brasil, Chile, Costa Rica, El Salvador, França e Honduras.

Américo deixou escrito que “sem uma política consciente de unidade, a LIT pode encaminhar-se a uma nova desagregação histórica”. Foi exatamente o que ocorreu.

Seu exemplo de vida, sua inserção operária, sua firmeza ideológica, representa o tipo de militância que precisamos reconstruir.

Américo não pôde dar esta batalha até o final. Nós a continuamos.



Américo saudando a greve das operárias da Alpha em Indaiatuba (agosto 2024)

Matéria completa disponível no site ->



Casa Américo Gomes da Brasilândia



Equipe VOS Brasilândia

No dia 19 de março de 2025, nosso camarada Américo Gomes sofreu um ataque cardíaco fulminante no terminal rodoviário de São Paulo, a caminho de Campinas. Morreu horas depois no Hospital das Clínicas.

Foram décadas de militância entre metalúrgicos e petroleiros. De formação de quadros. De atividade internacional na Venezuela, Argentina e América Central. E de uma coerência que atravessou ditadura, demissões e perseguição, sem jamais separar o que dizia do que fazia.

Por isso nossas casas levarão seu nome. Não como monumento, mas como método: inserção real na classe, firmeza política, paciência com o debate, rejeição do “vale-tudo”. Cada Casa Américo Gomes é o compromisso de que sua última batalha continua pelas nossas mãos.

A primeira de muitas

A Casa da Brasilândia, na Rua Olinto Fraga Moreira, 500, é a primeira de uma rede de Casas Américo Gomes que virão. Pretendemos que outras abram em diferentes bairros e cidades, cada uma enraizada no seu território.

Que tipo de casa é esta?

As Casas Américo Gomes são casas da Voz Operária Socialista abertas à comunidade. Nos inspiramos na tradição social-democrata europeia do fim do século XIX e início do XX — as Casas do Povo espanholas, as Bolsas do Trabalho francesas, o Volksbühne berlinense (o “Teatro do Povo”), literalmente financiado pelos tostões operários.

Mas bebem, sobretudo, da nossa própria tradição: os Círculos Socialistas e ligas operárias de italianos, espanhóis e portugueses na Mooca, no Brás e no Bom Retiro e a greve geral de 1917, quando tecelões paulistanos pararam a cidade e o Comitê de Defesa Proletária chegou a controlar São Paulo por três dias.

Onde havia lugar estável — biblioteca, escola noturna, cozinha, salão de debates —, havia memória organizativa e quadros formados. Onde faltou, a simpatia se diluiu.

Por isso a Casa é simultaneamente ponto de encontro do partido e espaço aberto do bairro. Possui cotas simbólicas — ninguém fica de fora por não poder pagar —, prestação de contas transparente, comissões abertas e regras de convivência que protegem especialmente crianças e adolescentes, com tolerância zero a qualquer forma de discriminação ou violência.

Projetos em andamento:



Peões sem Limites (xadrez): toda sexta-feira, às 15h30. Nosso clube comunitário, que já é ponto de encontro respeitado no bairro, agora funciona dentro da Casa. Xadrez para pensar a próxima jogada no tabuleiro e na vida.



Clube de Programação: todo sábado, das 10h às 12h. Oficina para desmontar o mito de que tecnologia é coisa de outros. Ferramentas livres, primeiros passos em código, portfólio e currículo. Gratuito, sem pré-requisitos.

Fome de História: uma vez por mês. Cozinhamos o mundo para pensá-lo. O próximo encontro será no dia 9 de maio, às 18 horas, sobre a história do Irã, com pratos da sua cozinha na mesa. Se lê, se come, se debate. Assim se aprende, assim se fazem amizades, assim se organizam as lutas.

A Casa Américo Gomes da Brasilândia está aberta! Tragam suas filhas e filhos e sua vizinhança. Batam na porta e entrem.

Confira a programação da casa no nosso Instagram ->



Entrevista com Trabalhadores Demitidos da Corpus Indaiatuba

No carnaval deste ano de 2026, os coletores de lixo da Corpus (empresa contratada pela Prefeitura de Indaiatuba) fizeram uma forte greve. Nós entrevistamos Ulisses e Zildo (nomes fictícios) para conhecer mais das condições ali.



VOS: *O que motivou vocês a fazer essa greve?*

Ulisses: A gente já fazia um tempo que tava todo mundo indignado. O principal na verdade foi o salário. Mas o 'x' da questão mesmo é falta de EPI, falta de caminhão para trabalhar.

Zildo: [Entrava 6h mas] não tinha hora pra voltar. Acabava às vezes oito horas da noite, não tinha janta, não tinha uma água gelada. E a firma só "e aí, acabou?".

Ulisses: Sempre saía mais tarde, até dia leve.

Zildo: No aterro tinha um banheiro na balança, mas a gente não podia usar. Tinha que ir lá embaixo, era longe, só descia de caminhão. Aí a gente ia no canavial lá em frente.

Ulisses: Risco ali de ter uma cobra, não dá nem tempo de socorrer, no meio do mato, morre ali mesmo.

Zildo: Até horário de almoço nós não fazia. Tem que comer um pão ali correndo, um guaraná e já tinha que sair correndo de novo. E pagava do bolso ou tinha que pedir pra alguém.

Ulisses: Trabalhava e eles descontavam como se tivesse feito o horário de almoço. Às vezes sem dinheiro, comia ali um pão seco mesmo, só pra não ficar de estômago vazio.

Como foi a organização da paralisação?

Ulisses: A gente combinou antes. A gente fez um grupo, se organizou e o pessoal, revoltado, foi falando as coisas, o que precisava melhorar.

Zildo: A gente passou o fim de semana todo debatendo pra na segunda a gente chegar e parar. Aí a gente foi de peito aberto debater com a empresa sobre o nosso salário, os nossos benefícios, a melhoria de coletor, de caminhão.

Ulisses: Eu já cheguei a fazer 6 caminhões. Você fala sim toda

vez, o dia que fala um não você é a pior pessoa do mundo. Mas naquele dia chegou, ficou todo mundo lá pra fora e já tava todo mundo determinado mesmo. Foi forte.

Zildo: Os dois dias que nós fez eles já ficaram doidos, se fosse uma semana ali... Ia baixar prefeito, ia baixar todo mundo, ia ter que resolver de alguma forma. Na nossa cabeça ia até eles aumentar, mas não deu.

Como foi isso das demissões e como ficou a situação pós luta?

Zildo: Vários estavam na greve, mas eles especificaram quem eles queriam. No meu ver foi o nosso encarregado. Quem era linha de frente não foi difícil pra eles.

Ulisses: Mas mesmo os outros eu acho que vão mandar embora depois. A situação tá pior do que tava. Os novatos não aguentam o trampo, não é fácil. Não dá 50 reais o dia pra você correr no sol.

Zildo: A gente sabe que é muito dinheiro que eles [empresa] ganham, não perde nunca. O coração da empresa é a coleta. Mesmo tendo multa a empresa preferiu parar e depois mandar a gente embora do que melhorar o salário.



Que lições desta luta vocês deixariam para os nossos leitores?

Zildo: Eu saio de cabeça erguida. Eu ficava com medo dos outros não irem [para a luta], mas eu sabia que eu ia.

Ulisses: Eu também, a mesma coisa. Já tava muito cansado de ficar sempre em 2, não ter caminhão...

Zildo: Mas digo que se for pras pessoas brigar pela melhoria deles, o cara tem que ir lá e brigar pelo emprego, pelas melhorias pro conjunto e não ter medo de empresa.



<- Leia a entrevista completa

Veja a matéria sobre a greve ->

